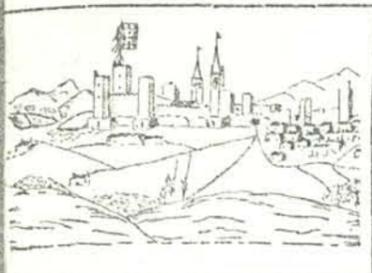


-26\$00, n
e Estran
imo do
uem or
não pu
colabor
olicidade



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelvidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA

O GRANDE DILEMA

As agências noticiosas acenam de transmitir da América um facto aparentemente singular, mas cheio de transcendência. Bem lha reconheceram algumas agências e periódicos, e reduzi-la a três linhas escondidas entre ocorrências vulgares.

O facto foi este; o director do órgão comunista de Nova Orque, que durante dez anos fora o mais ardoroso defensor do bolchevismo na América, acaba de demitir-se da direcção do órgão comunista e de renegar as doutrinas que abraçara com tanto entusiasmo.

Mas o facto em si mesmo podia não ter grande significação, o que o tem é o motivo por que o fez e abertamente declarou.

—Deixei de ser comunista, porque me converti ao catolicismo, porque encontrei nos princípios de liberdade e de justiça social defendidos pela Igreja o ideal por que lutava com a maior paixão, e descrei do ideal comunista à medida que fui reabreindo que os seus executores tinham apenas em vista a estabelecer uma tirania sobre o espírito humano.

Que um homem com o valor e a autoridade de Louis Pudenz assim se chama o ex-combatente do comunismo e novo fiel da Igreja Católica—tenha chegado a descobrir, por si mesmo, a verdade proclamada por Pio XII, dá testemunho da rectidão com que se deixara iludir e apaixonar pelas utopias comunistas e da sinceridade com que renegou renunciando à situação de privilégio que usufruía à frente da maior publicação comunista da América.

A sua conversão, nesta hora em que a ilusão comunista domina sobre as sociedades europeias, arrazadas ou decadentes, como atracção para os espíritos fracos ou «snobs», ou como ameaça para os grandes valores do espírito, tem sobretudo valor de um símbolo.

A força da ilusão comunista pode ser vencida pela verdade cristã incarnada ou realçada. É que a ilusão comunista é feita de uma mistura de justiça e iniquidade. Mas como a iniquidade é incapaz de realizar a

justiça, esta acaba por tornar-se serva da iniquidade, da mentira e da tirania.

É este o espectáculo que as ambições de Moscovo estão a jogar na Europa; é esta a realidade que acabam por surpreender almas sinceras, como Louis Pudenz, a quem a face ilusória da justiça social, anunciada pelo comunismo, conseguiu apaixonar e seduzir. Dir-se-ia que dessa ilusão estão despertando, no próprio terreno internacional, muitos que haviam confiado em Sta Ine para abater a ambiciosa tirania de Hitler, mas esquecendo que, depois dela, haveria que contar com a não menos ambiciosa tirania de Estaline, com o terrorismo bárbaro das estepes asiáticas que mais uma vez no decurso da história ameaçam a civilização cristã.

Só a alma desta, só o catolicismo conhecido e vivido, poderá desarmar e vencer a iniquidade do comunismo e fazer triunfar a justiça que aquela se mistura para formar a força da sua ilusão.

O dilema que traz inquieta a consciência da Europa e torna impossível a paz é este: a justiça social não pode vencer aliada à iniquidade comunista a iniquidade comunista não pode ser desarmada senão pela vitória da justiça cristã.

Tal é o dilema de que depende o futuro da Europa e do mundo.

Z.

O NOSSO ORGULHO

POR
Silvestre Figueiredo

O mundo não guarda já encoberto aos olhos curiosos nenhum dos seus aspectos mais recônditos. O amor da ciência e da riqueza e a curiosidade aventureira já devassaram todos os recantos da terra, desde a nivea, algida e deserta brancura dos polos às quentes e exuberantes paragens tropicais e, não querendo para si só o segredo e o prazer desse conhecimento, o homem descobridor tem-no divulgado.

Nesta época fértil de progressos, é fácil conhecer-se a terra, com todas as suas maravilhas e tormentos entre as quatro paredes do nosso quarto ou, pelo menos, no estreito espaço da nossa localidade. O cinema, a rádio, as revistas de propaganda, as reportagens, os livros de bom estilo e óptima fotografia, uma multidão de meios in-

Dr. José Miguéns

Acompanhado de sua Ex.^{ma} Família, partiu para Lisboa, onde vai fixar residência e exercer clinica, o Sr. Doutor José Beato Caldeira Miguéns, que há pouco tempo abandonou a seu pedido a presidência do Município desta Vila.

Por este motivo o «Correio de Nisa» apresenta-lhe cumprimentos respectivos e agradece toda a colaboração dispensada, pedindo licença para oferecer simultaneamente a impressionante e lamentável modéstia dos nossos recursos.

A Posse do Novo Presidente da Câmara

No Gabinete do Sr. Governador Civil, realizou-se no passado dia 16 do mês decorrente a posse do Sr. Dr. Francisco Mourato Pelequito, novo Presidente da Câmara Municipal de Nisa.

Ao acto assistiram, entre outros, e além do Chefe do Distrito, o Secretário Dr. Ernesto Subtil, o Presidente cessante, Dr. José Miguéns, tenente Mendes Casoso, alferes Sr. José dos Santos Marques Macedo, Professor José Francisco Figueiredo, António Nunes, Dr. Sardinha, José e Eduardo Lopes Mourado, Dr. João Telo Gonçalves, Francisco Ribeirinho, Padre Filipe, etc.

VULTOS NISENSES

FIGURAS CONTEMPORANEAS

Cónego Manuel da Cruz Carôlo

Uma das formas de actividade sacerdotal em que o Cónego Manuel Carôlo mais dispendeu as suas energias físicas e intelectuais, foi a obra de evangelização que levou a efeito por todas as freguesias da Arquidiocese eborense, missionando não só nas povoações, mas até nas herdades por vezes, e pre-

parando as visitas pastorais do Prelado.

E não foi só na Arquidiocese de Evora que o Cónego Carôlo missionou. Fê-lo também em quasi todo o Patriarcado, principalmente por ocasião do Congresso Eucarístico, a convite do Senhor Bispo de Vatarba, e ainda em muitas freguesias das Dioceses de Portalegre e Leiria.

Nesta sua intensa actividade de missionário, com o calor da sua palavra o Cónego Manuel Carôlo reanimou muitas almas amortecidas, galvanizou muitos corações em que a fé estava prestes a sossobrar, dissipou muita ignorância em matéria religiosa, desarmou muitas hostilidades contra a Igreja, trouxe ao redil de Cristo muitas ovelhas desgarradas, purificou com a graça do Sacramento centenas de ligações ilegítimas, pois, só duma vez, em Aviz baptizou 118 crianças e em Viana do Alentejo celebrou 60 casamentos. O que isto representa, nem nós, os profanos, o podemos apreciar devidamente.

Um dia, ai por meados de Abril de 1923, quando regressava da preparação duma visita
Conclue na pág. 2



PALAVRAS

que não esquecem

Sr. Director:

Na qualidade de assinante do «Correio de Nisa» permitame V. Ex.^a que lhe dirija estas simples e despretensiosas palavras.

O aparecimento desse jornal fez rejubilar o coração daqueles que por motivos profissionais se vêem afastados da terra que lhes foi bérço, é, graças á vontade forte dum amigo da nossa terra (V. Ex.^a não é nisenense) vimos lançar a primeira pedra da obra que os bons nisenenses vão acarinhar.

A obra está iniciada e não faltará a protecção dos benquistas filhos de Nisa que saberão elevar bem alto o seu nome.

«O Correio de Nisa» não será o jornal paupérrimo como V. Ex.^a afirmou no primeiro número. A sua obra será grande. Tomou a direcção do «Correio de Nisa» um mestre nas letras e não lhe faltará a carinhosa protecção daqueles que amam Nisa com extrema devoção.

Cumprimento V... desejando muitas prosperidades ao «Correio de Nisa».

CARLOS BENTO CORREIA

Gazetilha

«Leónidas», que poeta tão brilhante como o sol, quer ouvir o rouxinol. E, por isso, atira a seta a quem não atinge a meta, em versos de inspiração. Pois, haja iluminação! Eu nunca me submeto: Em vez de o ter no coreto, quero o pássaro na mão!...

SUMATRA DE LEMOS

«As Novidades»

Com a devida vénia, transcrevemos do prestigiado diário da Capital o artigo que publicamos noutro lugar, sobre uma notável conversão ao catolicismo.

ANTOLOGIA

Som e Côr

Por GOMES LEAL

Alucina-me a côr! A rosa é como a lira,
a lira pelo tempo há muito engrinaldada.
É velha a união, a nupcia sagrada,
entre a côr que nos prende e a nota suspira.

Se a terra, às vezes, cria a flôr que não inspira,
a teatral camélia, a branca entasiada,
Muitas vezes no ar prepassa a nota alada
como a perdida côr dalguma flôr que expira...

Hã plantas ideais, dãm cântico divino,
irmãs do aboê, gêmias do violino;
há gemidos no azul, gritos no carmezim...

A magnólia é uma harda etérea e perfumada;
e o cacto, a larga flôr vermelha, ensanguentada,
tem notas marciais, sãa como um clarim!

Nota da Presidência da Câmara

Pede-nos o Sr. Presidente da Câmara que publiquemos a seguinte rectificação do artigo inserto no último número do «Correio de Nisa» sob a epigrafe: «E a Música?»

«Não restringiu a Câmara o seu auxílio à Banda Municipal de Nisa, pois não deixou de subsidiar esta agremiação com a quantia relativamente avultada de 4.800\$00. não se poupando a esforços para reorganizá-la repetidas vezes. Dotou-a, além disso, em 1944, com sede própria, de que nunca dispuzera, e de bom local devidamente apetrechado para os ensaios.

Nos três últimos anos, três mestres se sucederam na regência da Banda, dispondo qualquer deles das aptidões necessárias, especialmente o último em data. Basta recordar o concerto realizado no Cine-Teatro de Nisa, no começo de 1944, no qual a Banda se apresentou por forma a parecer encontrar-se prestes a readquirir o seu antigo esplendor.

Porém, todos os regentes foram levados a abandonar o lugar pelos mesmos motivos: a falta de estudo em casa e de assiduidade dos executantes nos ensaios e as dificuldades havidas com alguns deles com a louvável excepção de meia dúzia de músicos antigos, apaixonados e respeitadores.

A actual situação deve, pois, ser atribuída em primeiro lugar à falta de interesse dos executantes e esta tem por causas principais a falta de participação da Banda nas festas religiosas, a existência de grupos musicais restritos do género «Jazz» que tem a preferência dos executantes, o número reduzido e a modicidade e irregularidade da cobrança das cotas dos sócios.

Como os proventos diminuísem, foi garantida aos executantes a sua equiparação com os Bombeiros Voluntários Municipais, o que não bastou para resolver a crise.

Antonio Portugal

A passada semana foi-nos tristemente assinalada com a noticia da morte do nosso prezado assinante e particular amigo, António Portugal de Moura.

Espirito aberto às iniciativas leais, António Portugal trouxe aos primeiros passos incertos do «Correio de Nisa» o vigor claro e sincero da sua bonomia e a colaboração efectiva das suas múltiplas e categorisadas relações de sociedade.

Foi para nós um bom, franco e prestante amigo, projecção dos sentimentos, estremosos que a todos denunciava e que em toda a parte o definiam.

Desta nossa casa, enviamos à Família enlutada as mais sinceras condolências resignadas e contritos, no desfolhar duma saudade.

«OCIDENTE»

Outro número desta categorisada revista de cultura que divulga «a tout vent» as produções dos mais categorisados homens de Letras.

Nunca é demais aconselhar-nos aos leitores a respectiva assinatura.

O seu remédio parece consistir na criação de uma Escola de Música, de que a Câmara já lançou as bases, onde oportunamente seriam recrutados os executantes para a reconstituição da Banda com elementos novos.

E' de esperar que a nova veracão do Município não descurará a questão.

E assim fica devidamente elucidado o público, acerca deste assunto de interesse local.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

Recordar é viver!

FEVEREIRO DE 1908

PELA CAMARA

Em sessão do dia 11, a Comissão Administrativa da Câmara, constando-lhe que vão ser dissolvidas as comissões municipais, resolve antecipar-se a tal resolução e pede a sua exoneração ao Sr. Governador Civil.

Em sessão do dia 19, a Câmara transacta vota ao exercício das suas funções, sob a presidência do Sr. Visconde do Vale da Sobreira.

MARÇO DE 1908

UMA DIVIDA PAGA A TIRO
Em correspondência do dia 4, o «Diário de Noticias» informa ter-se apresentado em Nisa Manuel Braz, de Salvavessa, a queixar-se de que um individuo da mesma localidade disparara contra ele um tiro de revólver. A bala perfurou o colete e camisa e só feriu levemente o Manuel Braz, por este trazer no bolso uma navalha contra a qual o projectil perdeu a força. Deu origem ao incidente o ter a vitima exigido ao agressor o pagamento duma divida.

NOMEAÇÕES

O mesmo jornal, em correspondência do dia 23, regista a nomeação do Sr. António Bastos para administrador do concelho e a do Sr. António da Graça Paralta para escrivão do Juizo de Paz.

DESASTRE

Quando o Sr. José Dinis da Padrega, no dia 6, ia para uma feira, o carro em que seguia voltou-se tão desastrosamente que aquêle lavrador ficou em estado bastante grave.

PROCISSÃO DOS PASSOS

A Prociissão de Passos, que devia realizar-se em 22, não pôde sair devido à chuva. Só no dia 25, quarta-feira, é que a tradicional prociissão percorreu o trajecto habitual.

Na ocasião em que, na tórre da Igreja do Espirito Santo, anunciavam a saída do prestito religioso, um garoto foi colhido por um sino que o projectou no adro da Igreja. O sinistrado pouco sofreu e felizmente ainda vive hoje: é o Sr. José Malato, guarda-fios em Ponte do Sor.

Noticiário de Alpalhão

Estão concluídos os trabalhos de construção de calçadas em diversas ruas desta vila.

Obra prevista antes de 1939, foi neste ano apresentado pela C. M. de Nisa o respectivo projecto participado pelo Estado em 1940 e respeita a cerca de 7.000 m. q. de calçada à fiada, à portuguesa e em passeios.

Tartando-se de um melhoramento muito apreciavel, merece relevo especial.

Pena é que não tenham já sido elaborados outros projectos, pois há muitas ruas que carecem de iguais beneficios.

Velhos Dizeres

Muito folga o lobo com o coice da ovelha.

Faze bem à gata, saltar-te-à na cara.

Vultos Nisenses

(Continuação)

pastoral a Monforte, ao passar pela sua antiga freguesia de Arronches, verificou em que condições lamentáveis estavam sendo exercidos os actos do culto numa casa particular, visto se encontrar fechada há muitos anos a Igreja paroquial, por motivo de paixões politicas locais.

Tinham sido infrutifero, todos os esforços empregados até então, e por diversas vezes pelas autoridades religiosas e civis do Distrito para abrir ao culto a igreja, que é um magnifico e suntuoso templo, classificado como monumento nacional.

O Cônego Manuel Carôlo arrasta o desvairo dos ódios politicos que determinavam uma tal situação e com a coragem das almas de boa tẽmpera, confiado na justiça da sua causa, dirige-se às pessoas da localidade de quem fundamentalmente dependia a resolução do problema. O seu prestigio pessoal e o seu poder de convicção subjugam e quebrantam as paixões, desfazem velhos ódios, e o certo é que, uma hora depois de haver iniciado as suas diligências e os seus bons officios, tinha em suas mãos as chaves do belo templo que nesse dia era posto nas devidas condições de asseio e limpeza.

No dia imediato o Cônego Carôlo fazia solenemente, com as competentes prescrições litúrgicas e ao som festivo dos sinos, a reconciliação da sua antiga igreja que estava de há muito profanada. Foi um dia de alegria e emoção êsse em que o povo de Arronches, após a reconciliação da sua igreja, nela ouviu missa solene, cantada pelo seu antigo pároco Reverendo Manuel Carôlo.

E não menor deve ter sido a alegria e a emoção do Venerando Prelado da Diocese de Portalegre a que pertence aquela freguesia, ao receber o telegrama do Cônego Carôlo em que este lhe comunicava a reabertura e reconciliação da Igreja de Arronches e pedia a aprovação do seu acto. Na verdade, essa emoção e alegria transparecem claramente na carta de 21 de Abril de 1923 em que o Senhor Bispo de Portalegre aprova a iniciativa do Cônego Manuel Carôlo e lhe dá licença para exercer sempre as suas ordens na Diocese portalegrense: — prova de manifesta confiança e consideração.

(Continua)

DIAS LOUÇÃO

O Monumento ao Dr. Francisco Miguens

Entre os subscriptores que contribuíram com 50\$00 para o Monumento ao Sr. Dr. Francisco Miguens e cuja relação veio inserta no penúltimo número do Correio de Nisa, figura, por lapso, o nome de Francisco Patricio.

Não é êste o nome do contribuinte, mas sim Joaquim Dias Patricio.

Aí fica a necessária correção.

D. Maria Adriana Pestana Rosa

Faleceu no dia 22 a Sra. Maria Adriana Pestana Rosa, solteira, de 68 anos, prima de Sra. D. Adriana Fragozo Almeida casada com o Sr. Dr. Almeida de Almeida, juiz de Direito. O funeral foi muito concorrido de pessoas desta vila e povoações próximas. O velório, encerrado numa rica e bonita capela, ficou depositado em jazigo da familia.

António Emilio Godinho

No mesmo dia sepultou Sr. António Emilio Godinho, solteiro, de 19 anos. O finado, depois de ter concluído o curso dos liceus, foi empregado na Secretaria da Câmara e regressara há pouco do Sanatório do Caramulo. A sua morte foi muito lamentada.

O Nosso Orgulho

(conclusão)

na agitação febril dos grandes centros industriais tentares, ou na possibilidade da agnação da vida de certos mais vou amando a terra tuguesa; na vasta galeria do Globo, são nossos os melhores quadros — da natureza e da vida, do panorama pagão enche os sentidos e da bela conformação humana consola os corações, da beleza estética e da beleza ética.

Não há duas serras de tra, nem dois montes de Luzia, não tem rival a terra florida de mamelucos açucenas da nossa vasta planície alentejana, nem o bucolismo das nossas serras soalheiras acolhedoras, do pequeno e tratado horto, do casal isolado campanário altivo, do regato romurejante, do céu tão azulado e tão puro, nosso mar tão amigo e profundo.

Mais que ninguém, no mundo, o português calma e serenamente moireja a dureza que o alimenta, obtida queixumes nem revoltas. A nossa gente sofre com a alheia, solidária no trabalho, nos trabalhos, relembrando mortos, ampara os filhos, enlévo único, vive a caridade viva de amor do primeiro, é ruidosa nas festas, triste na desgraça, forte na generosa no perdão, gélida que se embebe no cano na prece, gente sentimental, soas e não individuos, homens e não feras, na sua verdadeira estrutura animica e rática.

Na perspectiva do mundo realça o valor de Portugal, já êste sempre o nosso leme, o nosso orgulho.

Máquina de Gostura

«SINGER» — Vende-se completo estado de nova. Modelo secretária. Nesta redacção se diz.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

Anúncios—1800 cada linha, segundo o linômetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contractos especiais. Número avulso—\$50. Números atrasados: 1800. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00, no continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo dos portes. Não se restituem originaes quer sejam ou não publicados. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

O "Senhor Tempo," Ou a nostalgia de Passado

Há uma série de princípios, mais ou menos pragmáticos que a educação caseira fornece, cautelosamente, às crianças, como «substractum» do que, no futuro, deve ser um «homemzinho» ou deve ser uma «senhora». Por isso mesmo, o exemplo e a repreensão oportunos e doseados concedem campo vasto e, ao mesmo tempo, prático para se aplicar a «doutrina», em certos casos traduzida pelo seu açoitamento «fúfu».

Entre tanta coisa deste género que se tem dito e se ha-de dizer pelos séculos fóra, porque a unidade nacional existe, sem dúvida mais na família que em todas as doutrinas sociais apregoadas tantas vezes «in deserto», entre tanta coisa, que pode ir desde o modo de estar à mesa até a forma de esticar as peúgas, uma se destaca em em particular: o aproveitamento do tempo. Assim o «menino» ou «menina» deve tratar das suas coisas com método e ordem. «Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje»; «primeiro está a obrigação. Na cola deste senhor grave que é o «bom-conselho» começa a garotada a andar e mesmo a correr, tanto que se esfalfa. Passam os anos, surge a necessidade de fazer a barba ou de usar pó de arroz e o dito fica, gravado na memória, como inscrição funda que resiste a séculos de desgaste. Uma vez em plena «vida prática», zona tórrida em que ha ventos constantes, quantos e quantos momentos não são empregados na contemplação dos conselhos de outrora, nesse rosário de saudades!

«Há tempo para tudo»; é questão de método e ordem; so-nos ao ouvido misteriosamente com o mesmo metal de voz, com os mesmos traços fisionómicos com que foi dito e redito, muitos anos atrás.

Porque não se emprega en-

to o tempo, aproveitando-o o mais possível, para que chegue para tudo? Quanto mais não seja, aparte as conveniências presentes, «para se fazer a vontade à mamã»... Qual história: bem o prega Frei Tomaz. Não há tempo para nada. O tempo, foge, escapa-se, vói; e por isso mesmo os anos passam por nós, fustigando-nos impiedosamente.

E depois, é tão embriante este «Sr. Tempo»! Um verdadeiro «espírito de contradição»! Se o desejamos ver pelos costas, fica; se o queremos afagar, oferecendo-lhe a casa, para um momento de repouso, vói e desaparece, com sorriso escarninho.

Já lá diz a quadra:
O tempo passa a fugir,
sem que a gente dê por tal.
Mas passa o bem mais depressa
do que passa o nosso mal.

«Há tempo para tudo»! Que tolice! Quando se dormia a sesta e as ruas eram as «do lá vem um», devia estar certo o conselho; mas agora...

Dos bons tempos antigos só existe uma certeza: «o tempo que passou e que não volta mais».

CARLOS DE MELO

João da Cruz Rosa

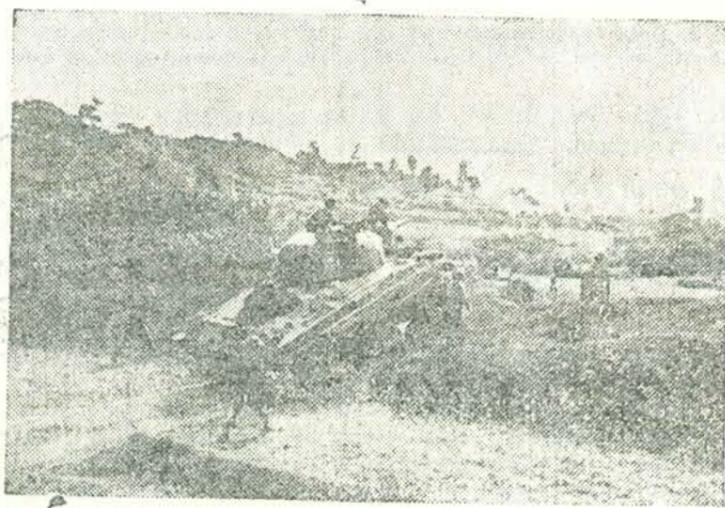
Fabricante de Paralelepípedos Cubos, pedra de calçada e passeio, Brita para estradas e caminhos de ferro, cantarias para Lancel e prédios, tudo de granito azul, de primeira qualidade.

Fornecedor para as melhores avenidas de Lisboa e arredores.

PEÇAM AMOSTRAS E PREÇOS

Largo de Serpa Pinto, 18—20 NISA

Rua Ilha Terceira, 7—2.º LISBOA



Números asironómicos

O Brasil Prepara-se

para uma produção de 300 toneladas de mentol.

Cessadas as exportações da China e do Japão, o Brasil passou a ser o maior e quasi o único fornecedor de mentol aos Estados Unidos, já que os demais produtores, como o Paraguay, Nicaragua, Honduras e o México, concorrem com pequenas parcelas.

A cultura de hortelã-pimenta em São Paulo recebeu formidável impulso. Em 1943, a Secretaria da Agricultura de São Paulo registou 61 distilarias para o óleo de hortelã-pimenta paulista, cujo teor de mentol vai de 75 a 90 %.

Na safra de 1942-43, o total de óleo de hortelã distilado foi calculado em 50 toneladas, com a produção de cristais de mentol no total de 20 toneladas (cerca de 50.000 libras-peso de cristais de mentol do tipo «stand» norte-americano).

Nos começos de 1944, São Paulo conheceu nova fase no cultivo da hortelã, e os algarismos divulgados mostram que a área cultivada, no Estado, era sete vezes maior que a da estação anterior. Anuncia-se ao

mesmo tempo, o inicio das plantações no Estado do Paraná. E os esforços conjugados dos produtores farão com que, nas proporções imprevisíveis a que essa cultura chegou, o Brasil possa produzir, na safra actual, cerca de 300 toneladas de mentol cristalizado.

A imprensa norte-americana tem accentuado, que os Estados Unidos estão em condições de absorver 93 % da safra de 1944.

O Escritório Comercial do Brasil em Nova York levou a efeito intensa propaganda do produto.

CASA LOURO

Exclusivista dos chapéus «Palmares», «Joanino», «Condô» e «Nissolino» Calçado «Argo», «Vigôr» e «Ultramar» Malas e Guarda-sóis. Miudezas e Malhas. Camisaria Praça da República—139 NISA

Panorama da Guerra

TANQUES BRITANICOS AVANÇAM NA BIRMANIA, ABRINDO POSIÇÕES JAPONESAS NO ALTO DA COLINA.

Sapataria

Modêlo

DE João de Oliveira Figueiredo SOLAS E CABEDAIS Calçado feito e por medida, para homens, senhoras e crianças. Executa todos os trabalhos de sua arte. Largo de Serpa Pinto NISA

VISITA NISA?

Não hesite

Instale-se na:

«Pensão Central»

Cozinhados alentejanos (asseio e preços módicos) Praça da República, 120

Permanentes MI-A-MI

Sem aparelho -- sem electricidade -- sem perigo MÁXIMA DURAÇÃO

Francisco Nunes Rua da Cadola — NISA

N.º 1

MARY LAFON OS CAVALEIROS DO NEVOEIRO

O ataque nocturno

O céu estava sombrio, a noite humida, e o vento do oeste, impelindo suavemente um denso nevoeiro de outono, acabava de submergir na escuridão as ruas do velho Montauban.

Ainda que algumas lanternas aparecessem de espaço a espaço, através a densidade do nevoeiro, como pequenos pontos luminosos, não se via bem para subir um passeio angular que apresentava então em muitos lugares grandes buracos e rudes desigualdades de superfície.

Apesar dos esforços dos independentes para transformarem esta antiga capital do protestantismo no meio-dia da França, a cidadela calvinista conserva ainda em 1864 o seu aspecto sombrio de 1621.

Os Intendentes tinham podido arrasar os bastiões, junto dos quais Luiz XIII vira cair inutilmente dezasseis mil dos seus soldados, mas não haviam conseguido alargar as ruas e demolir essas casas negras e massiças, que se aproximavam com um aspecto desconfiado, como que para se ajudarem.

A este modo, especial de construção, onde tudo tinha

sido calculado para tornar a defesa mais fácil, juntavam-se os inconvenientes duma transformação tão prematura que os fossos ainda estavam cheios, as grossas escadas dos bastiões levantadas, e os pilares de pedra, onde se prendiam as cadeias das barricadas, conservam-se nos cantos da maior parte das ruas.

Quem se lembra hoje do viver patriarcal dos nossos pais, que, olhando os caminhos públicos como propriedade sua, acumulavam misturados, ao pé das casas, as vigas, o estume e os tijolos, julgará se era fácil, de noite, dirigir-se alguém por esse labirinto cheio de ciladas e trevas!

Os srs. de Thèzan e Duval de Varayre, conselheiros do tribunal superior; Arassus, conselheiro do Senescal; Miguel de Bonrepos, e Maury de Saint-Vic-

tor, antigo capitão de cavalaria que se dirigiam para casa do presidente, onde havia uma grande festa e baile, na noite de 2 de outubro de 1764 desanimando de ali chegar através o nevoeiro, tomaram a precaução para evitar qualquer acidente, e mandaram adiante os seus criados com archotes.

Guiados por estes clarões vacilantes, avançavam lentamente, dois a dois, conversando a respeito dos estranhos acontecimentos de que a cidadela de Montauban, estava sendo, havia alguns meses, o teatro.

—Devemos concordar, dizia o sr. de Thèzan em tom sentencioso, que a história raras vezes oferece exemplos duma tal anarquia. Uma cidade de quarenta mil almas, subjugada por uma quadrilha de bandidos que a justiça não sabe descobrir e que a *maréchaussée* ainda não

pôde prender, é um facto verdadeiramente maravilhoso único nos nossos annos.

—É certo, respondeu o sr. Duval de Varayre, não há memória de se ouvir falar em Montauban de atentados tão atrovidos!

—Que há de novo, senhores, perguntou o antigo capitão de cavalaria, apressando o passo para ouvir melhor.

—O que há, santo Deus! mas donde vem, meu caro Maury de Saint-Victor! exclamou admirado o conselheiro do tribunal superior, d'onde vem para nos fazer semelhante pergunta?

—Acabo de chegar de Alençon.

—Viajou por muito tempo? (CONTINUA)

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.